

INCLUSÃO ALÉM DAS BARREIRAS: DESAFIANDO O CAPACITISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

Bruno Perozzi da Silveira¹

Guilherme Henrique Pimentel²

Thais Holanda de Abreu Zorzi³

RESUMO

O presente relato objetiva apresentar uma experiência docente ocorrida em nossa unidade escolar, oriunda de um planejamento integrado entre os componentes curriculares de Matemática, Sociologia e Língua portuguesa no início do ano de 2023. Nesse planejamento, partiu-se das características de heterogeneidade das turmas com a presença de estudantes com deficiência, e sentiu-se a necessidade de abordar, não somente com os discentes, mas também com toda a comunidade escolar, a temática de

combate à cultura do capacitismo. Esse termo está relacionado à discriminação de pessoas com deficiência, tomando como base a construção social de um corpo padrão, sem deficiência (considerado “normal”), fato este que leva à subestimação da capacidade e aptidão de pessoas em virtude de suas deficiências. Verificando que a cultura do capacitismo ainda estava presente na referida unidade escolar, sobretudo entre os estudantes das turmas dos primeiros anos do Ensino Médio, os docentes propuseram

1 Professor da rede Sesi-SP – bruno.silveira@sesisp.org.br

2 Professor da rede Sesi-SP – guilherme.pimentel@sesisp.org.br

3 Professora da rede Sesi-SP – thais.zorzi@sesisp.org.br

uma ação conjunta a qual culminou no projeto “Pensei que você era normal: reflexões sobre capacitismo na escola e maneiras de superá-lo”. Nesse contexto, tal ação teve o intuito de proporcionar às turmas envolvidas um estudo mais aprofundado sobre a temática em questão como forma de conscientização e, posteriormente, proliferação das reflexões realizadas ao longo das etapas do projeto. Ademais, é importante ressaltar que, desde as primeiras reuniões de planejamento, com a definição de objetivos e procedimentos de realização das etapas, até a execução do projeto, considerou-se o fato de nossa insti-

tuição ser promotora da educação inclusiva, sustentada no referencial teórico do Desenho Universal da Aprendizagem (DUA), o qual visa, por meio de ambientes de ensino flexíveis e diversificados atender às necessidades variadas de todos os estudantes. Logo, as reflexões feitas no decorrer do projeto contribuíram de forma significativa para a solidificação de posturas conscientes e responsáveis entre os estudantes.

PALAVRAS-CHAVE Capacitismo; Educação inclusiva; Planejamento integrado.

INTRODUÇÃO

Iniciamos o ano letivo com o planejamento integrado e reconhecimento das características gerais das turmas. Nesse momento de discussão coletiva e pedagógica, buscávamos aproximações conceituais e desafios comuns. Desse modo, o planejamento reverso teve como luz os escritos de Wiggins e McTighe (2019).

Como resultado imediato das reflexões iniciais, observamos que as turmas dos primeiros anos do Ensino Mé-

dio eram bastantes heterogêneas, com diversos estudantes atendidos pelo mapeamento de inclusão. No referencial teórico que rege nossa instituição, usamos o Desenho Universal da Aprendizagem (DUA)⁴, uma abordagem educacional que busca criar ambientes de ensino flexíveis, diversificados e acessíveis para atender às necessidades variadas de todos os estudantes, considerando diferentes estilos de aprendizagem, habilidades e *backgrounds*, pro-

4 Tendo origem no campo teórico e prático da Arquitetura, o termo *Desenho Universal* previa a necessidade da reflexão sobre os espaços de acessibilidade e inclusão. No entanto, o termo acabou sendo tomado pelo campo da pedagogia, tornando-se *Desenho Universal de Aprendizagem*, que, de certo modo “corresponde a um conjunto de princípios e estratégias relacionadas com o desenvolvimento curricular que procura reduzir as barreiras ao ensino e à aprendizagem” e, dessa maneira, “permitem ao docente definir objetivos de ensino, e criar materiais e formas de avaliação que se adequem a todos os alunos, de modo a que todos possam aprender na via comum de educação. Este conjunto de princípios procura também manter altas expectativas para todos os alunos, incluindo os que apresentam algum tipo de deficiência” (Nunes e Madureira, 2015, p. 32).

movendo assim a inclusão e o sucesso educacional de maneira ampla. Apesar disso, ainda enfrentávamos os desafios do capacitismo⁵.

Esses entraves eram percebidos por nós, sobretudo, nas discussões e reflexões durante as formações com o intuito de realizar o Planejamento Reverso e desenvolver um Plano Integrado. Neste momento, eu, professor de Matemática, a professora Thaís, de Língua portuguesa e o professor Bruno, de Sociologia, observamos que as turmas dos primeiros anos do Ensino Médio (EM) eram bem heterogêneas e contavam com diversos estudantes no mapeamento de inclusão, a saber: hidrocefalia, epilepsia, esquizofrenia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Distúrbio do Processamento Auditivo Central (DPAC). Sobretudo, os estudantes apresentavam histórico de situações capacitistas em sala de aula e no ambiente escolar, como reflexo da sociedade, já que:

O preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, já que as diferenças são vistas como carência, falta ou impossibilidade. O caráter específico da deficiência está inscrito no próprio corpo do sujeito, sendo este considerado inábil para uma sociedade que demanda cada vez mais seu

uso intensivo, levando-o ao desgaste ou, ainda, à construção de uma corporeidade que objetiva meramente o controle e a correção, em função de uma estética corporal hegemônica (Mello e Cabistani, 2019, p. 121).

Dessa observação surgiu, então, a oportunidade de estudar e aprofundar essa temática. A inclusão de crianças com deficiência na nossa escola sempre teve por objetivo promover a diversidade, estimulando o aprendizado e a empatia – isso para quebrar estigmas e ensinar a aceitação desde cedo. Além disso, beneficia o desenvolvimento das crianças com deficiência, promovendo igualdade de oportunidades.

Uma das características marcantes da escola é promover debates e diálogos profundos, gerando reflexões críticas entre os estudantes. A sinergia da utilização de ferramentas tecnológicas proporcionou um ambiente de aprendizado enriquecedor, que estimulou a participação ativa, a criatividade e o desenvolvimento de habilidades multifacetadas entre os estudantes. A temática relevante da inclusão, do conhecer e respeitar o próximo e as diversidades e, principalmente, combater o capacitismo, deu início a uma série de discussões colaborativas entre professores, equipe de apoio pedagógico e

⁵ Podemos definir o termo *capacitismo* como a “materialização de atitudes permeadas pelo preconceito que categorizam os sujeitos conforme a adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. É um conceito presente no social que avalia as pessoas com deficiência como desiguais, menos aptas ou incapazes de gerir suas próprias vidas, sendo para os capacitistas, a deficiência como um estado diminuído do ser humano. Trata-se de uma forma de preconceito subliminar e engravado na produção simbólica social, mostrando-se uma construção universalizada de opressão sobre a compreensão da deficiência” (Mello e Cabistani, 2019).

os próprios estudantes. A primeira etapa consistiu em sensibilizar a comunidade escolar sobre o tema e os próximos passos foram no sentido de desenvolver e estimular a cultura anticapacitista no ambiente escolar.

A partir do reconhecimento da temática do capacitismo, a proposta era superar o preconceito com pessoas com deficiência. Para isso, era necessário que o termo capacitismo fosse entendido como a discriminação da pessoa com deficiência por considerá-la inferior ou incapaz para exercer determinadas atividades. Todavia, muitas pessoas não percebem como esse preconceito está enraizado no dia a dia, seja com atitudes ou frases como “dar uma de João sem braço”, configurando-se no que denominamos de “capacitismo linguístico”:

O capacitismo linguístico perpetua preconceitos que refletem na forma como as pessoas com deficiência são vistas pela sociedade. Xingar, adjetivar e usar metáforas que remetem a deficiências e doenças ofende e retraumatiza pessoas com deficiência, perpetuando outras formas de opressão (Comitê Juntas, 2021, p. 5).

Nesse contexto, propusemos discussões sobre o capacitismo no ambiente escolar como uma forma de sensibilizar os estudantes sobre as suas próprias ações e falas, modificando atitudes, estereótipos e ultrapassando as barreiras que afetam os estudantes com deficiência.

Ao enfrentar esse tema, buscamos criar um ambiente mais inclusivo, no qual todos os estudantes pudessem ser valorizados por suas capacidades individuais, promovendo a conscientização sobre a importância da igualdade, respeito e oportunidades equitativas para que cada aluno possa alcançar todo o seu potencial educacional e pessoal, aprofundando o entendimento dos eixos transversais e orientadores dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Desse modo, verificamos a necessidade de desenvolver atividades e discussões que auxiliassem os estudantes no caminho de superação do capacitismo, e demos o ponto de partida do Projeto “Pensei que você era normal: reflexões sobre capacitismo na escola e maneiras de superá-lo”. Com isso, buscávamos aprofundar os eixos transversais e orientadores ODS 3 (Saúde e bem-estar), ODS 4 (Educação de qualidade), ODS 10 (Redução de desigualdades) e ODS 16 (Paz, justiça e instituições eficazes). Assim, estabelecemos coletivamente os objetivos e expectativas para o desenvolvimento desse projeto, tendo como foco principal o rompimento das características do capacitismo no ambiente escolar, que eram constantes na forma de abordar uma pessoa com deficiência, tratando-a de forma infantilizada e afastando-a do convívio comum dos demais estudantes.

Logo, as ações desenvolvidas no projeto corroboram as concepções de escola e educação da rede, que

além do objetivo de desenvolver o conhecimento, preza por promover o desenvolvimento integral dos indivíduos. No entanto, apesar dos avanços significativos na forma como abordamos a diversidade e a inclusão, ainda nos deparamos com obstáculos que restringem a plena participação de todos os estudantes. Neste relato de experiência, compartilhamos a jornada emocionante e desafiadora que vivenciamos como educadores.

Infelizmente, o capacitismo é uma forma de discriminação que tende a passar despercebida, enraizada nas atitudes, percepções e comportamentos cotidianos. Ele se manifesta de maneiras sutis e nem sempre intencionais, perpetuando estigmas e desigualdades que minam a autoestima e as oportunidades dos estudantes com deficiência.

Dividimos o projeto em três etapas, a saber: sensibilizar a comunidade escolar sobre o tema, levantando questões críticas; aprofundamento conceitual da temática; e propostas de intervenção.

O objetivo central do projeto foi propor um estudo aprofundado sobre o respeito às diversidades envolvendo estudos em várias áreas do conhecimento. A temática central foi de combater o capacitismo no ambiente escolar e promover estudantes pensadores e multiplicadores da abordagem anticapacitista. Inicialmente, a proposta era reconhecer e compreender o capacitismo em suas expressões linguísticas, em suas práticas e no contexto escolar.

Uma das principais barreiras que enfrentamos foi a necessidade de desconstruir ideias preconcebidas e estereótipos arraigados. Muitos estudantes e até mesmo alguns colegas professores acreditavam que a deficiência estava estritamente ligada à incapacidade e à dependência. A tarefa de reconstruir essa compreensão limitada da diversidade humana e da capacidade foi desafiadora, mas também profundamente gratificante. Por meio de atividades interativas, workshops e apresentações, começamos a abrir mentes e corações para as realidades e perspectivas dos estudantes com deficiência.

DESCRIÇÃO CONTEXTUALIZADA DA VIVÊNCIA

Propusemos como objetivos específicos do componente Matemática analisar e interpretar, de forma crítica, diferentes situações sociais, ambientais, econômicas e de outras naturezas, apresentadas em pesquisas estatísticas, gráficos, tabelas

e funções, com ou sem o apoio de tecnologias digitais, fazendo uso das operações fundamentais e cálculos como média, porcentagens e variação de grandezas. Em Sociologia, propusemos aplicar conceitos, teorias e procedimentos metodológicos

e investigativos próprios dessa área para analisar fatos sociais, instituições e fenômenos cotidianos, desenvolvendo reflexões sobre a sociedade contemporânea para além do senso comum. Já em Ciências Sociais, nossa proposta foi identificar os elementos constitutivos do fazer científico dessa área, e das interpretações da realidade social feitas por seus pensadores clássicos.

Em Língua portuguesa, a proposta foi produzir textos orais e/ou escritos multissemióticos, planejando, revisando, editando, reescrevendo, levando em conta condições de produção, objetivos, multimodalidade, contexto histórico-social, veículo e mídia, gênero textual, clareza, progressão temática, variedade linguística e elementos de fala e cinestésicos, utilizando-se de softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ambientes e ferramentas de produção colaborativos com finalidades diversas. Finalmente, no caso das Competências Socioemocionais, o objetivo foi compreender sentimentos, necessidades, valores nas relações interpessoais e direitos alheios que devem ser respeitados, fazendo uso da escuta empática e acolhendo o outro em suas necessidades; vivenciar e reconhecer sentimentos de admiração – por outros e por si próprio – nas situações em que valores sociomoraes estejam presentes, compartilhando suas percepções e colaborando coletivamente.

Iniciamos nosso projeto no início do ano com uma mobilização de intervenções: espalhamos pela escola frases capacitistas em forma de cartazes. Algumas das frases utilizadas foram: “Para de fingir demência!”; “Eu pensei que você fosse normal”; “Que mancada!”; “Você é retardado?”; “Que linda! Nem parece deficiente!”; “Esse está mal das pernas!”; “Tá surdo!!!”; “Você tem problema mental!?”; “Você é autista!?”.

No decorrer de duas semanas, já era nítida a inquietação dos estudantes sobre as frases, com alguns ficando incomodados, enquanto outros questionavam o motivo delas estarem lá. Propusemos então o estudo dos conceitos sobre o capacitismo, conduzido de forma interativa e autodirigida. Os estudantes receberam indicações de vídeos, leituras, sites e redes sociais de ativistas abordando os aspectos do capacitismo, suas manifestações e impactos. Com os materiais, os estudantes foram incentivados a explorar e refletir sobre esses recursos, desenvolvendo uma compreensão inicial. Na semana seguinte, o tempo foi dedicado a discussões em grupo, análise crítica e atividades práticas que aprofundariam o entendimento do tema. Dessa forma, a sala de aula invertida permitiu que os estudantes não apenas absorvessem conhecimento, mas também participassem ativamente na construção de ideias, promovendo um aprendizado mais envolvente e significativo sobre o capacitismo.

Após as rodas de conversa para levantamento de conhecimentos prévios e sensibilização sobre o tema, realizamos uma dinâmica no teatro da nossa unidade escolar com a presença das três turmas. Nesse momento, socializamos os conceitos do capacitismo, promovendo uma discussão coletiva com os 96 estudantes sobre a legislação, além da apresentação de imagens e de vídeos sobre o tema. Após esse momento, realizamos a dinâmica de encobrir cada uma das frases com um carimbo no qual estava escrito “Isso é capacitismo”.

FIGURA 1 VARAL DE FOLHAS COM “ISSO É CAPACITISMO” CARIMBADO SOBRE CADA FRASE



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Na finalização da proposta do projeto, realizamos mais duas etapas. A primeira delas foi o levantamento estatístico de pesquisa científica sobre

Pessoas com Deficiências (PcDs) e capacitismo no país, estado, cidade e na escola, e a produção em grupo de pôsteres com o intuito de divulgar tais dados e conscientizar a comunidade escolar sobre a temática, indicando como a falta de conhecimento pode afetar a qualidade de vida de PcDs. Ademais, esse momento de conscientização tinha como propósito trazer “à tona” a seguinte pergunta: “Quando vamos nos tornar anticapacitistas?”

FIGURA 2 CARIMBO “ISSO É CAPACITISMO”



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Na outra etapa, cada grupo sugeriu uma campanha de conscientização sobre o capacitismo, que poderia incluir vídeos, panfletagem e palestras, entre outros. Selecionamos quatro grupos, os quais atuaram como multiplicadores de conhecimentos e fizeram formações com os estudantes do EFI e EFII da escola.

DISCUSSÃO COM REVISÃO DE LITERATURA E/OU MUDANÇAS EVIDENCIADAS PELA EXPERIÊNCIA

O desafio principal que encontramos ao discutir o capacitismo em sala de aula é a *posse de local de fala*. É delicado e problemático abordar qualquer tipo de preconceito sem o ter sofrido; porém, os objetivos do projeto estavam bem determinados, e nossa motivação de impactar a aprendizagem dos estudantes nos surpreendeu e modificou a maneira como vemos tanto eles mesmos quanto a temática da inclusão. As dificuldades de implementação do projeto eram esperadas quando fizemos a revisão da literatura. Assim, como pontua Débora Diniz (2017), enfrentar o capacitismo na escola envolve o reconhecimento e a desconstrução das estruturas profundamente arraigadas que perpetuam a exclusão e a discriminação das pessoas com deficiência. A autora destaca que um dos principais entraves é a necessidade de desafiar a mentalidade preconceituosa e estigmatizante que muitas vezes está enraizada na cultura escolar e nas percepções sociais. Além disso, Diniz enfatiza a importância de promover uma mudança sistêmica na forma como a educação é concebida e implementada, visando uma abordagem inclusiva que reconheça e valorize a diversidade de habilidades e necessidades dos estudantes.

Propusemos aos alunos a apresentação de estudos e levantamentos

de pesquisa para desenvolver uma campanha de conscientização sobre o capacitismo com os elementos dos estudos estatísticos realizados pelo grupo e sugestões de ações anticapacitistas para o recorte (país, estado, cidade, CAT e escola). Por sua vez, eles propuseram a organização de palestras, discussão sobre o respeito às diversidades, criação de material informativo para sensibilizar os estudantes e professores sobre a importância da inclusão de alunos com deficiência nas aulas etc. Ao final do projeto, o ganho social foi evidente na fala, nas ações e na conduta dos estudantes.

No desenvolvimento do projeto, tivemos diversos momentos de orientação e mediação dos conhecimentos, sendo o processo avaliativo integrado ao longo de todo ele. Os estudantes foram avaliados não apenas pelos resultados, mas também pela colaboração, pesquisa, criatividade e aplicação dos conceitos ao longo das etapas. Os critérios de avaliação envolveram desde incluir a qualidade da pesquisa, a resolução de problemas e a comunicação eficaz, até as potencialidades e capacidades de trabalhar em equipe.

Na primeira fase do projeto, a avaliação foi alinhada com a abordagem centrada nos estudantes que se envolveram com o conteúdo fora da sala de aula, por meio de ma-

teriais prévios indicados, enquanto os momentos em sala de aula foram reservados para as discussões, atividades práticas e esclarecimento de dúvidas. Um dos textos de leitura foi “Capacitismo – Como combatê-lo no ambiente escolar?”, no qual os estudantes tiveram que responder quais medidas poderiam ser tomadas para combater o capacitismo na nossa escola. Além disso, os estudantes assistiram a vídeos do *influencer* anticapacitista Ivan Baron, e à palestra “O futuro anticapacitista: curar preconceitos e celebrar diversidades”, da ativista por direitos das pessoas com deficiência Lau Patron.

FIGURA 3 PALESTRA NO TEATRO

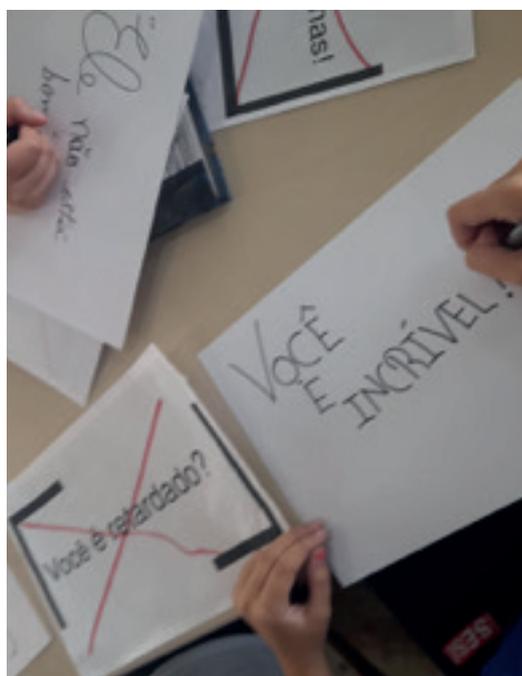


Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

O segundo momento avaliativo foi o levantamento estatístico por grupos, com as seguintes temáticas: a realidade da deficiência física ou motora, intelectual, das múltiplas deficiências no Brasil, no Estado e na cidade (especificando como é reali-

zada a inclusão dos PcDs); e a realidade do CAT e da escola (buscando informações da quantidade de crianças com deficiência em todos os níveis de escolarização). Em todos os levantamentos, os estudantes deveriam se atentar para a apresentação dos dados em forma de tabela e de gráfico, abusando das cores e da criatividade.

FIGURA 4 REESCRITA DAS FRASES TROCANDO O CAPACITISMO PELA CULTURA DO ELOGIO



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Outro momento avaliativo foi a criação de fôlderes da campanha de conscientização com os elementos dos estudos realizados pelos grupos e sugestões de ações anticapacitistas para o recorte, a discussão sobre o respeito às diversidades e a criação de material informativo para sensibilizar as pessoas sobre a importância da inclusão.

FIGURA 5 EXEMPLO DE FOLDER CRIADO PELOS ESTUDANTES

Que tipos de atitudes e comentários são capacitistas?

"Para de fingir demência!"

"Tá surdo?"

"Você é retardado?"

"Que mancada!"

"Que linda nem parece que tem deficiência!"

- * Infantilizar adultos com deficiência;
- * Fazer ou rir de piadas capacitistas;
- * Fazer perguntas íntimas sem ter intimidade;
- * Não respeitar espaços destinados às pessoas com deficiência;

1 ano A

Filipe Santiago Nelson Norcia
Gabrielle Azevedo Dosvaldo
Pedro Henrique Cortez Padoveze
Vinicius Santo Silva

Para refletir sobre a temática tratada no folder, que tal testar seus conhecimentos no quiz abaixo:



START

VOCÊ SABE O QUE É CAPACITISMO?

DESCUBRA O QUE É ISSO E QUAIS ATITUDES SÃO CAPACITISTAS.

O que é capacitismo?

O capacitismo é praticado diariamente sem ser percebido, e é fundamental falar a respeito do assunto, para que todos saibam o que é e entendam o mal causado por essa prática; o termo refere-se à discriminação baseada na capacidade das pessoas, sendo dirigidos principalmente a pessoas com deficiência.

Devemos todos ser anticapacitistas e informar as pessoas ao nosso redor sobre esse preconceito, não admitindo expressões e atitudes capacitistas.

Como é a relação do SESI com os alunos PcD?

Ao contrário de muitas escolas, o SESI se denomina uma escola inclusiva e tem uma grande estrutura para acolher estudantes PcD, para que tenham uma vida escolar como qualquer outro aluno, apesar de ter muito a melhorar. Na escola temos cerca de 1100 alunos, sendo 110 PcDs e com algum tipo de transtorno global de aprendizagem.

Conheça alguns influenciadores PcDs



@ivabaron 



@bem_guarda 



@marianatorquato 



@blogueirapcd 

*Números aproximados

Fonte: Arquivo dos autores (2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o desenvolvimento do Projeto, nas primeiras reuniões no planejamento integrado, na definição dos objetivos e na execução, teve como pano de fundo a postura da instituição como promotora da educação inclusiva e como local de desenvolvimento de conhecimento e pesquisa. As aprendizagens adquiridas ao longo do projeto se consolidaram de forma sustentável, criando uma base sólida de posturas conscientes e responsáveis entre os estudantes. O conhecimento sobre a importância da inclusão e respeito às diferenças foi internalizado, levando-os a reconhecerem as barreiras enfrentadas por colegas com deficiência e a se engajarem ativamente na criação de um ambiente mais acolhedor. Hoje, no cotidiano escolar da nossa unidade, é comum falas dos estudantes corrigindo colegas em momentos capacitistas.

Devemos ressaltar ainda que a compreensão das práticas pedagógicas inclusivas pelo corpo docente também foi ressignificada. A instituição forneceu a formação continuada no projeto formativo e, em diversos momentos, tivemos a oportunidade de aprofundar as discussões de educação inclusiva. Todavia, apesar de ainda engatinharmos como sociedade nesse caminho, os frutos desse projeto já aparecem nas falas dos professores, em ideias para novas abordagens e na promoção da educação inclusiva e do respeito às diversidades.

As fases previstas para o projeto foram finalizadas, porém, ainda há bastante estudo a ser realizado. Alguns estudantes pediram à biblioteca da escola a compra do livro *Manual anticapacitista: o que você precisa saber para se tornar uma pessoa aliada contra o capacitismo* (2023), dos autores Carolina Ignarra e Billy Saga, em uma clara intenção de continuar os estudos.

Além disso, desde o estágio zero do planejamento integrado (Planejamento para compreensão e minha prática), tivemos a participação dos professores de outras áreas do conhecimento que podem complementar os estudos do Projeto com novas contribuições e outras abordagens. Listo a seguir algumas expectativas de aprendizagem de diferentes componentes que foram elencadas inicialmente, porém, não puderam ser desenvolvidas.

Em Arte, é possível se apropriar das diferentes linguagens artísticas (artes visuais, dança, teatro, música e híbridas), levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e criação de discursos em diversos campos de atuação social; e apreciar manifestações artísticas diversas, locais e mundiais, populares e eruditas, desenvolvendo a sensibilidade, a imaginação e a criatividade, e estabelecendo relações com seu universo cultural. Em Ciências da Natureza, pode-se utilizar mídias digitais tais como vídeos, aplicativos

ou wikis para expor e defender pontos de vistas estruturados por meio de pesquisas e conceitos abordados durante as aulas, bem como analisar a estrutura e a coerência de textos de divulgação científica, verificando referências, conceitos científicos e uso de elementos textuais. Em História, há a possibilidade de debater a relevância desse estudo para a compreensão da realidade, reconhecendo as articulações entre as diversas áreas do conhecimento e a construção do conhecimento histórico. Por fim, em Filosofia, pode-se compreender a natureza do pensamento filosófico e diferenciá-lo em relação ao senso comum, as mitologias e a ciência.

Com relação aos resultados desejados do projeto, podemos dizer que fomos muito além. Em diversos momentos, fizemos a retomada dos objetivos e recalculamos a rota de desenvolvimento. A semente foi plantada. Ainda há muito estudo e continuaremos a desenvolver o trabalho nos demais anos escolares, sabendo-se agora que esse será promissor e produtivo. Ainda podemos sugerir para a continuidade do projeto a criação teatral sobre o tema para ampliar a reflexão para todos os níveis escolares, bem como a produção de um documento requerendo as modificações necessárias para adequação de acessibilidade em nossa unidade escolar.

■ REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

COMITÊ JUNTES. **Cartilha-capacitismo**. São Paulo: Comitê Juntas, 2021. Disponível em: <https://uzomadiversidade.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Cartilha-CAPACITISMO.pdf>. Acesso em: 21 maio 2024.

DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

MELLO, L. S.; CABISTANI, L. G. Capacitismo e lugar de fala: repensando barreiras atitudinais. **Revista da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 23, p. 118-139, 2019. Disponível em: <https://revistadpers.emnuvens.com.br/defensoria/article/view/112>. Acesso em: 21 maio 2024.

NUNES, C.; MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Invest. Práticas**, Lisboa, v. 5, n. 2, set. 2015. ISSN. 2182-1372. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/387923129/DUA-Nunes-Madureira-2015-pdf#>. Acesso em: 21 maio 2024.

SESI. **O currículo do Sesi-SP: Ensino fundamental e Novo Ensino Médio**. São Paulo: SESI, 2023.

SESI. **Proposta Pedagógica Novo Ensino Médio: seu futuro, nossa história**. São Paulo: SESI, 2021.

WIGGINS, G.; MCTIGHE, J. **Planejamento para a compreensão: alinhando currículo, avaliação e ensino por meio da prática do planejamento reverso**. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2019.